

O cinedebate como dispositivo para promoção de saúde na prisão: relato de experiência

Cinema Debate as a Tool for Health Promotion in Prison: An Experience Report

Kamêni lung Rolim (orcid.org/0000-0003-0474-8414)¹

Marcela Nunes Penna (orcid.org/0000-0002-7768-6966)²

Denise Falcke (orcid.org/0000-0002-4653-1216)³

Resumo

Potencializar fatores de proteção em saúde deve ser uma das premissas em intervenções psicossociais realizadas com pessoas privadas de liberdade no sistema prisional. Partindo disso, o presente trabalho apresenta um relato de experiência sobre a realização de cinedebate com homens que cumprem pena em regime fechado. A ação, coordenada por uma psicóloga que atua no sistema prisional, contou com a realização de ciclos de quatro oficinas, sendo debatido um filme por encontro. Depois da exibição de cada filme, ocorreram debates orientados pelo modelo de habilidades de vida, a fim de sensibilizar sobre a promoção de competências sociais e interpessoais para lidar com desafios intra e extramuros. Na avaliação dos participantes, a atividade possibilitou reflexões sobre temas que auxiliam na preparação para a liberdade, mas que, principalmente, auxiliam na vivência de humanização na prisão. O cinedebate promoveu formas de relação salutar que romperam as relações pautadas pela desconfiança e insegurança características do contexto de aprisionamento. Propõem-se reflexões sobre as potencialidades e desafios de realização dessa ação.

Palavras-chave: Promoção da saúde. Habilidades de vida. Detentos. Filmes. Prisão.

Abstract

Improvement of health protection factors should be one of the premises of psychosocial interventions carried out with people deprived of their liberty in the prison system. In this sense, this study introduces a report on the experience of a Cinema Debate with men serving time in a closed regime. The action, coordinated by a psychologist working in the prison system, included the execution of cycles of four workshops, with one film being discussed per session. After the screening of each film, there were debates guided by the Life Skills model to raise awareness about the promotion of social and interpersonal skills to deal with challenges inside and outside the prison walls. According to the evaluation of the participants, the activity prompted reflection on themes that contribute to the preparation for freedom, but above all, it allowed for the experience of humanization in prison. The Cinema Debate promoted forms of healthy connections that broke the relationships based on mistrust and insecurity that characterize the prison context. Reflections on the potential and challenges of carrying out this action were also proposed in this study.

Keywords: Health promotion. Life skills. Prisoners. Motion Pictures. Prison.

A população prisional brasileira se caracteriza sobremaneira por ser composta por homens, jovens, pobres, de baixa escolaridade e moradores de regiões de vulnerabilidade social, que em sua maioria cumprem pena por tráfico de drogas ou roubo (Depen, 2014; Reishoffer & Bicalho, 2015). O número de pessoas privadas de liberdade é cada vez mais alarmante e cresce exponencialmente – dados apontam que a população geral do Brasil aumentou cerca de 40% em 25 anos, enquanto a população prisional cresceu 707% (Brasil, 2017).

Até meados de 2016 eram 726.712 pessoas privadas de liberdade, sendo que existiam apenas 368.049 vagas no sistema prisional (Lima & Alvarenga, 2018). A população privada de

¹ Instituição Evangélica de Novo Hamburgo. Novo Hamburgo/RS, Brasil. E-mail: kameniungrolim@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS, Brasil. E-mail: marcelanpenna@gmail.com

³ Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, Brasil. E-mail: dfalcke@unisinos.br

liberdade (PPL) em 2018 era composta por 665.482 homens e 42.355 mulheres, que cumpriam penas em locais que, geralmente, são considerados insalubres e permeados pela superpopulação (Reishoffer & Bicalho, 2015). Além disso, o Brasil tem a terceira maior população prisional do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos (2,2 milhões) e da China, caracterizando encarceramento em massa (Pastoral Carcerária, 2014; Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul e Comissão de Cidadania e Direitos Humanos, 2015; Rangel & Bicalho, 2017).

Esse contexto de encarceramento em massa é retrata a falta de investimentos adequados em políticas públicas em relação à população prisional, que se reflete também em um déficit relevante de profissionais nas casas prisionais, assim como na manutenção de estruturas e serviços do sistema prisional brasileiro como um todo (Dullius & Hartmann, 2011, Reishoffer & Bicalho, 2015). Tais aspectos influenciam e impedem o desenvolvimento de práticas que vão além das rotineiras, como intervenções psicossociais.

Ao refletir sobre aspectos sociais que permeiam o sistema prisional, pode-se considerar que a privação de liberdade, apesar de embasada em propostas que visam potencializar aspectos para o retorno ao convívio na sociedade de maneira salutar, por meio da oferta de assistências, por exemplo, material, social, religiosa, laboral e jurídica (Lei n. 7.210/1984), continua a promover exclusões e a potencializar adoecimentos. Flauzina (2008) aponta que o sistema prisional tem atuado como dispositivo de um projeto genocida em vigor em diferentes países, remetendo ao conceito de Necropolítica. Conforme Mbembe (2003), tal conceito refere-se a quando o Estado, por intermédio de processos muitas vezes sutis, “escolhe” quem deve viver ou morrer, preconizando que certas pessoas teriam direitos e outras não, sendo também caracterizado pela negação da humanidade do outro, que valida as mais variadas violências.

Pode-se observar que cumprir pena ou ser egresso da prisão constitui um marcador social que potencializa preconceitos e violências, legitimados por discursos tais como “bandido bom é bandido morto”, entre outros. Para Karam (2011), além de suprimir a liberdade, esses aspectos excluem, provocando estigmas e comportamentos negativos ou indesejáveis. Pode-se afirmar que, paradoxalmente, a prisão ainda apresenta processos que potencializam os comportamentos antissociais que, em tese, se propõe a neutralizar.

Esses efeitos sociais na vida dos privados de liberdade e suas famílias influencia de forma diversa comportamentos futuros dentro e fora das instituições. A “mortificação do eu”, estudada por Goffman (1961), explica a perda subjetiva dos corpos, que ocorre sistematicamente mediante rebaixamentos, degradações, humilhações e violações do eu, em que uma uniformização de processos deteriora a individualidade de quem os (sobre)vive. Já Foucault (1987) apresenta o conceito de docilização dos corpos, segundo o qual os indivíduos se reduzem a corpos a serem dominados e, para isso, é necessário que sejam docilizados, ou seja, corpos que se submetem, que são utilizados, que são transformados e aperfeiçoados. Pode-se compreender que esses aspectos apontados por Goffman (1961) e Foucault (1987) se

articulam ao conceito de prisionização, proposto por Clemmer (1940). Esse conceito refere que a prisionização é um processo de assimilação no qual a pessoa assimila tanto a cultura da prisão a ponto de esta se tornar característico dela.

Nesse sentido, Rauter (2007) assevera que as prisões compõem parte de uma engrenagem social a qual denominou “dispositivo da criminalidade”. Trata-se do impacto da vivência da privação de liberdade em condições desumanas, que permeia a subjetividade de todos os envolvidos, incluindo pessoas privadas de liberdade, os trabalhadores do local e a sociedade como um todo. Consoante Rauter (2007), esses processos reforçam o estigma do criminoso e potencializam a criminalização, gerando formas de se perceber e de se relacionar que reforçam a exclusão. Partindo disso, Rauter (2007) defende que é papel da Psicologia, nesse contexto, construir estratégias a fim de neutralizar esses dispositivos, construindo alternativas para catalisar formas de vivenciar a subjetividade de formas salutares, abrangendo a rede de apoio e acesso a direitos. Tais aspectos relacionam-se a uma perspectiva ampliada em saúde (Saforcada, 2010) que abrange ações cujo foco é a promoção da saúde de pessoas e contextos.

Cabe salientar que tais conceitos estão preconizados nas políticas de atendimento à saúde no Brasil pelo Sistema Único de Saúde (Brasil, 2004), sendo a humanização um constructo associado às práticas de promoção de saúde. Como declara Deslandes (2004), a humanização é um conceito complexo e não apresenta consenso teórico. Na política pública, a humanização se verticaliza com a valorização das subjetividades e a promoção de autonomia, protagonismo e corresponsabilidade de todos os envolvidos.

Partindo disso, a política penitenciária preconiza que diferentes áreas do saber podem realizar ações nas instituições prisionais que tenham como objetivo a reintegração social do sujeito depois do cumprimento da pena. Destarte, a Psicologia exerce forte papel na função de práticas interdisciplinares no sentido de promoção de saúde e garantia de direitos dessas pessoas, utilizando diversas abordagens e recursos de intervenção. Ações em grupo são apontadas como uma das melhores possibilidades de intervenção no contexto prisional (CFP, 2012; Rauter, 2007). Conforme o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2012), as ações devem ser focadas na promoção e acesso aos recursos necessários à sustentação de um projeto de vida extramuros; no fortalecimento do laço social e na promoção social às pessoas privadas de liberdade.

Partindo disso, identifica-se que intervenções psicossociais em grupo são indicadas para abordar e promover fatores de proteção em saúde (CFP, 2012). Sobre esse aspecto, cabe refletir que, ainda que estudos sobre a realidade brasileira apontem a existência de situações dificultadoras ao trabalho da Psicologia, atendimentos psicoterápicos, acompanhamentos às famílias e desenvolvimento de habilidades sociais têm ocorrido, conforme pesquisas de levantamento realizadas com profissionais neste contexto (Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul e Comissão da Cidadania e Direitos Humanos, 2015; Brasília, 2007; CFP, 2012). Segundo o CFP (2012), a busca pela produção de um discurso mais criativo e libertador,

rompendo com a lógica do aprisionamento, é o principal foco do trabalho do profissional da Psicologia nessa área. Todavia, ainda há uma lacuna de produções científicas que abordem práticas nesse sentido na realidade brasileira. Diante disso, o presente estudo visa apresentar aspectos de uma intervenção psicossocial em grupo realizada com homens privados de liberdade, desde o ano de 2018, em um estabelecimento prisional do estado do Rio Grande do Sul.

Método

Inicialmente, procedeu-se ao planejamento da intervenção, que previa a realização de quatro encontros quinzenais, na sala multiuso do local, contemplando a participação de 12 participantes, por adesão voluntária. Foram realizadas duas edições da intervenção, uma em 2018 e uma em 2019. Optou-se pela realização de grupo fechado, sem a adesão de novos participantes no decorrer dos encontros. Cada encontro abrangeu a exposição de um filme, seguida de debates promovidos pela Psicóloga, primeira autora deste estudo, sendo os debates registrados em diário de campo.

A intervenção foi realizada com o objetivo de acessar a subjetividade dessas pessoas, possibilitando reflexões sobre como se percebem e como lidam com suas relações sociais, objetivando também ampliar estratégias utilizadas para lidar com os desafios dessas relações. Como aporte teórico, utilizou-se o modelo de habilidades de vida (Castellanos, 2001; Organização Mundial de Saúde, 1997), que tem sido diretriz da Organização Mundial de Saúde para o trabalho em diferentes contextos de vulnerabilidade, privilegiando a promoção de competências, considerando as habilidades sociais e interpessoais, habilidades cognitivas e de manejo de emoções. Trata-se de um conjunto de dez competências, agrupadas em categorias complementares: habilidades sociais e interpessoais, habilidades cognitivas e habilidades para manejar as emoções. De acordo com Castellanos (2001), as dez competências são autoconhecimento, empatia, comunicação eficaz, relacionamentos interpessoais, tomada de decisões, resolução de problemas, pensamento criativo, pensamento crítico, lidar com os sentimentos e emoções e lidar com o estresse. Essas competências foram compreendidas como fatores de proteção em saúde (Polascheck & Yesberg, 2017) por estarem associadas à vivência de relações sociais satisfatórias, tendo potencial de mitigar impactos da prisionização. O dispositivo utilizado para o desenvolvimento dessas competências foi o cinedebate (Berti & Carvalho, 2013).

Cada encontro do cinedebate foi planejado observando a seguinte estrutura:

- *rapport* inicial: no primeiro encontro, foram trabalhadas as regras de convivência do grupo e uma exposição da temática das habilidades de vida, conforme será descrito a seguir. Os demais encontros também contaram com *rapport* inicial, de acordo com a temática de cada filme, para introduzir os assuntos e a temática a serem abordados, assim como a disposição de um espaço para clarificar possíveis dúvidas;

- exposição do filme: os filmes foram expostos em equipamento audiovisual e projetados na parede da sala multiuso, sendo distribuídas pipocas durante a exibição;
- debate: depois da exposição de cada filme, formava-se um círculo e em seguida era proposto um debate em grupo. Algumas das questões propostas inicialmente pela mediadora foram “O que chamou a atenção no filme?”; “Quais as habilidades que determinado personagem utilizou para enfrentar as situações?” e “O que o filme traz que pode ser aproveitado em sua vida neste momento e também quando em liberdade?” – entre outras questões que foram emergindo a partir dos comentários dos participantes.

A atividade foi proposta pela primeira autora deste artigo, que é Psicóloga Técnica Superior Penitenciária da Superintendência dos Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul. Inicialmente, ela apresentou o planejamento da ação para a equipe diretiva do estabelecimento prisional no ano de 2017, que autorizou a realização da atividade. Contudo, a efetiva realização só se deu em 2018, devido à ausência de condições de segurança para realização da atividade no período. A ação só poderia ser realizada em uma sala chamada “Multiuso”, único espaço do local onde é possível receber grupos e, para que isso ocorra, é necessário que haja um número mínimo de Agentes Penitenciários para garantir o cumprimento das normas de segurança. Esse lapso temporal entre a autorização e a efetiva realização remete às dificuldades estruturais para realização de atividades psicossociais nesses locais (Rauter, 2007, Reishoffer & Bicalho, 2015).

Depois disso, o trabalho teve início com a divulgação e captação de interessados em participar, sendo isso feito por meio de um cartaz colado em local visível na galeria onde estão localizadas as celas. Ademais, um Agente Penitenciário orientou o apenado que realizava a função de “representante de galeria” a divulgar, para todos, uma lista, sendo que as pessoas interessadas em participar deveriam incluir o nome por escrito. O “representante de galeria” é função realizada por pessoa em cumprimento de pena e tem a função de apresentar aos Agentes Penitenciários as demandas das pessoas privadas de liberdade, tais como necessidade de atendimento médico, jurídico, social, reparo nas celas, entre outros.

A referida lista retornou com 16 pessoas inscritas, sendo que o Chefe de Segurança do local autorizou que todos participassem. Trata-se de um aspecto peculiar do funcionamento da instituição adotar critérios de segurança para designar a participação das pessoas nas atividades desenvolvidas. Nesse sentido, caso o Chefe de Segurança entendesse que algum interessado não poderia participar, esse critério invariavelmente estaria sobreposto à motivação da pessoa ou até mesmo à indicação de profissionais do Setor Técnico, por exemplo. Destaca-se que nesta experiência não houve critérios específicos de inclusão ou exclusão da amostra, apenas a voluntariedade do participante.

Observa-se que dos 16 inscritos inicialmente dois saíram em liberdade antes do início da atividade e uma pessoa não compareceu em nenhum dos encontros. A seguir, apresenta-se uma lista dos filmes trabalhados no cinedebate edição 2018:

1. *Um sonho possível* (Hancock, Johnson, Kosove, & Netter, 2009).
2. *Extraordinário* (Chbosky, Beugg, Clark, Hoberman, Lieberman, & Todd, 2017).
3. *O vendedor de sonhos* (Monjardim, Tubaldini, & Skaf, 2016).
4. *Quarto de guerra* (Kendrick, Kendrick, & Wheeler (2015).

Durante os encontros da primeira edição, os participantes solicitaram a continuidade da atividade, que se deu no ano de 2019, com os filmes elencados a seguir, com a participação de sete participantes da edição de 2018 e a inclusão de um novo integrante, totalizando oito pessoas. Participaram também como convidadas duas estagiárias do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Taquara, que auxiliaram na mediação das discussões. Filmes apresentados no cinedebate edição 2019:

1. *Coach Carter: treino para a vida* (Carter, Gale, Robbins, & Tollin, 2005).
2. *Escritores da liberdade* (LaGravanese, DeVito, Shamberg, & Sher, 2007).
3. *Click* (Coraci, Sandler, Giarraputo, Moritz, Koren, & O'Keefe, 2006).
4. *Pregando o amor* (Race, Alexander, Houghton, Race, Race, & Dinwoodie, 2013).

O cinedebate aconteceu como uma proposta de ponte entre a realidade vivida no cárcere e a vida extramuros, no sentido de trazer um pouco da vida muito conhecida por eles antes, com reflexões sobre o motivo que os levaram a habitar o ambiente atual e a construção de estratégias para que isso não ocorra novamente, ou seja, uma forma de atividade psicoeducativa oriunda de exemplos de histórias em que os personagens superam adversidades e vão em busca de uma vida melhor ao lado daqueles que amam. Dessa forma, a escolha dos filmes tem um caráter essencial, na medida em que as mensagens desejadas são transmitidas de uma forma próxima à realidade dos apenados, com linguagem clara e ensejando espaço para pensar em grupo, tendo como escopo o filme assistido. A escolha dos filmes ocorreu *a priori*, com exceção das obras *Quarto de guerra* e *Pregando o amor*, que foram sugestões dos próprios participantes ao longo das oficinas. Tais filmes abordam a superação das adversidades a partir da fé, aspecto com o qual os participantes referiram se identificar, apontando a importância da crença em suas vidas desde que iniciaram o cumprimento da pena.

Resultados e discussão

Nessa seção será apresentado o relato da experiência, compreendendo as edições realizadas nos anos de 2018 e 2019, com uma breve síntese do desenvolvimento de cada encontro. Os excertos significativos de falas dos participantes são abordados como representativos do grupo.

O primeiro encontro teve início com a apresentação da profissional, da organização e dos objetivos da atividade, conforme o relato a seguir:

A proposta é que a cada 15 dias vamos assistir a um filme. Após assistir cada filme vamos conversar sobre aspectos que chamam a atenção. O que os personagens nos filmes enfrentam e como lidam com essas coisas. A ideia é que isso possa inspirar pra

gente identificar estratégias que possam ajudar no dia a dia aqui e também quando em liberdade, destacando que a prisão é algo provisório na vida de cada um.

Depois disso, com todos sentados em cadeiras, organizadas em semicírculo, a proposta foi que cada um se apresentasse. Logo depois houve um diálogo sobre as regras para o bom andamento da atividade, as quais foram elaboradas com base em um questionamento inicial: o que é necessário para que a atividade corra bem? Os seguintes itens foram por eles elencados: “Não falar durante o filme” e “Cada um ter sua vez de falar”. A profissional mediadora propôs a inclusão da regra de respeito às diversas opiniões – todos concordaram e o respeito às opiniões divergentes foi acordado. Também ficou estabelecido que o grupo seria fechado e que haveria quatro encontros, sendo que, finalizadas as atividades, todos receberiam um certificado de participação. Esse acordo coletivo das normas pode ser considerado um fator primordial para a construção e manutenção de relações saudáveis, rompendo a lógica de relações de poder que perpassa a instituição prisional (Karam, 2011, Rauter, 2007).

Antes da exposição do filme, também foi realizada uma psicoeducação sobre a temática das habilidades de vida (Castellanos, 2001; Organização Mundial de Saúde, 1997), que ocorreu com a apresentação verbal do conceito. Em seguida, o filme intitulado *Um sonho possível* (Hancock et al., 2009) foi exposto. Durante a exibição houve a intercorrência de muitos ruídos externos (latas de lixo sendo carregadas, pessoas falando, barulho de liquidificador na cozinha, entrada de outros apenados na sala para buscar água na geladeira), incidentes que também aconteceram nos encontros seguintes. Contudo, chama atenção que esses fatos pareciam não interferir no comportamento dos participantes, pois continuaram atentos ao filme, a despeito de tais intercorrências – comportamento mantido nos demais encontros.

Outro aspecto foi a presença de baratas na sala. Questionados sobre isso, os participantes referiram que se tratava de uma situação normal nas celas, mas que devido à dedetização que ocorrera no dia anterior a presença das baratas estava mais visível e frequente. Esse é um fato que exemplifica a caracterização das prisões como um local insalubre (Reishoffer & Bicalho, 2015). Também é possível refletir que esses aspectos são representativos do fenômeno da prisionização (Clemmer, 1940), com a naturalização do desconforto perante situações adversas, como a infestação de baratas.

Depois da exibição do filme *Um sonho possível* (Hancock et al., 2009), foi proposto um debate abordando a seguinte questão: o que mais chamou a atenção no filme? Alguns participantes narraram a história do filme. A seguir, foi feita a pergunta: dos personagens do filme, houve algum com quem foi possível se identificar mais? Um deles destacou ter se identificado sobremaneira com o personagem Mike, justificando: “Ele nunca desiste... Nunca desistir é a chave do sucesso, mesmo que o mundo esteja contra”. Também foi destacada a importância de que a reflexão acompanhe essa postura: “Não adianta agir e pensar depois; tem que colocar a cabeça pra funcionar antes”. Questionados sobre quais foram as habilidades

utilizadas por Mike para enfrentar as múltiplas situações de vulnerabilidade que vivenciou, eles destacaram a humildade, o apoio familiar, o pensamento positivo, a força de vontade e o autocontrole e como fatores de risco salientaram os episódios de raiva. Um apenas identificou que foi em um momento de raiva que cometeu um crime e por isso cumpre pena. A partir disso, o debate passou a ser sobre estratégias para manejo da raiva, como respirar fundo, orar e pensar na família. Por fim, os participantes disseram ter gostado do filme e se identificado com as situações vivenciadas, em especial o abandono da mãe, vivenciado pelo protagonista e por dois participantes do grupo.

É possível destacar que algumas habilidades de vida permearam as discussões no primeiro encontro, em especial tomada de decisões, resolução de problemas e manejo de sentimentos (Polascheck & Yesberg, 2017). Frisa-se, ainda, a comunicação e o autoconhecimento, precipuamente quando alguns verbalizaram sobre situações vividas.

No segundo encontro, foi exibido o filme *Extraordinário* (Chbosky et al., 2017). Os integrantes novamente iniciaram o debate contando a narrativa do filme. Um deles disse que a principal mensagem percebida foi a superação pessoal e o fato de o protagonista não “abaixar a cabeça”, no sentido de não se abater com comentários pejorativos, mesmo sentindo-se triste. Questionamos se em algum momento alguém já havia se sentiu como o protagonista do filme, Auggie, e um participante relatou: “na escola quando era criança e também quando saí em liberdade”. Essas palavras suscitaram discussões sobre preconceito, sendo que algumas pessoas apresentaram definições sobre o tema, que incluíam o fato de ser uma ideia pré-concebida, pois “quem vê cara não vê coração”. Um participante disse “é bem assim, o cara sai da cadeia e logo acham que porque tá na boca já tá fazendo m... Eu saí e fui ajudar meu amigo e caí preso de novo, e não fiz nada de errado”. Surgiu o debate sobre o ditado “diga-me com que andas que te direi quem és”, reconhecendo-o como um dito popular que fala do preconceito e um apenas complementou: “mas é que se o cara sai da cadeia e vai nos mesmos lugares e com as mesmas pessoas... como a sociedade vai acreditar que algo mudou?” A utilização de ditados populares mostrou-se uma ferramenta interessante para suscitar reflexões no grupo. No encontro, uma das habilidades de vida trabalhadas foram o autoconhecimento, na forma de se reconhecer em uma determinada situação semelhante à narrativa do filme; o pensamento crítico, ao discorrer sobre o preconceito e suas aparições no cotidiano; e a comunicação eficaz, que se mostrou necessária a todo o momento para que o expressado fosse entendido da forma desejada.

Esse encontro foi concluído com reflexões acerca de enfrentar o preconceito, sendo relatada a visão de que a pessoa que esteve privada de liberdade é sempre vítima de preconceito, fato normal e constante na sociedade brasileira – assim, como o menino Auggie, não devem abaixar a cabeça: “Temos de olhar as pessoas de igual pra igual, somos todos iguais”. A abordagem dessa temática mostrou-se em consonância com a proposta de promover a preparação para a liberdade (CFP, 2012; Rauter, 2007), sensibilizando principalmente para as habilidades de resolução de problemas e empatia (Polascheck & Yesberg, 2017).

No terceiro encontro, o filme trabalhado foi *O vendedor de sonhos* (Monjardim et al., 2016) e provocou emoções, percebidas pela expressão de olhos marejados em praticamente todos os participantes. Um deles afirmou que o aprisionamento o afastou do filho, que ficou traumatizado ao testemunhar quando foi conduzido pela polícia civil e que “também vai ter que subir num prédio pra conseguir recuperar o amor do seu filho”, acrescentando em seguida: “um prédio... como se diz, uma metáfora”. Entre os temas debatidos com os demais participantes, destacaram-se: a relação pais e filhos e os impactos do aprisionamento nessa relação, assim como a vergonha que sentem quando os filhos entram no presídio em dia de visita e o receio de não serem um bom exemplo. O ditado “se não aprende no amor, aprende na dor” foi debatido, seguido de reflexões que denotam arrependimentos, sendo ditas palavras como: “antes eu me achava o tal, tinha dinheiro e poder... deixei de lado o amor da família, deixei de lado o que importa...” e “o cara era o tal, mas agora não tem nenhum amigo pra vir apoiar... vem só a mãe do cara”. Os debates desse encontro abordaram aspectos da vida familiar dos participantes, propiciando trabalhar a empatia colocando-se no lugar do protagonista e a ter sentimentos em comum com ele; os relacionamentos interpessoais, abordando as relações familiares, especialmente o relacionamento com os filhos; assim como formas de lidar com as emoções e os afetos suscitados, a partir de discussões sobre vergonha, traumas e como manejar os desafios que lhes são apresentados ao vivenciar o distanciamento da família.

Finalizando o ciclo da primeira edição, o filme *Quarto de guerra* (Kendrick et al. (2015) foi exposto e o debate teve início com os participantes relatando terem apreciado o filme, enfatizando a importância da fé para haver mudanças e que “Deus dá chance, mas é o que a gente faz... tem que aceitar a ajuda! Ter humildade pra aceitar que tá errado é difícil!” Em seguida, relataram a religião como importante ferramenta para suportar o encarceramento; por outro lado, problematizaram observar que, muitas vezes, há descontinuidade em manter a religião quando em liberdade, “quando mais tem tentação”. Foi salientado por eles que a mensagem principal do filme é a importância de reservar um espaço na vida para cultivar a espiritualidade e que isso é um fator de proteção à saúde. Ademais, apontaram que o filme, além da fé, fala sobre relacionamentos amorosos, sendo que um participante referiu que a história o fez pensar em como trata sua esposa.

No fim do encontro, foi solicitado que os participantes avaliassem a atividade, sendo que chama a atenção a principal pontuação ser a de que se sentiram “gente, ser humano de novo”. Também destacaram a expectativa em participar da atividade, que durante a semana ficaram esperando o encontro do cinedebate com curiosidade sobre o próximo filme a ser assistido, dizendo que os filmes permitem pensar sobre a própria vida e a “dar esperança”, ao permitir pensar sobre o futuro.

Salienta-se que a edição do ano de 2019 contou com a participação de duas estagiárias do curso de Psicologia da Faccat, que trabalharam como mediadoras. A inclusão das convidadas ocorreu após diálogo com o grupo e foi avaliada como uma experiência positiva

pelos envolvidos ao longo do processo, que verbalizaram “Fazem anos e ninguém nunca entrou aqui que nem vocês, de sentar junto e olhar no olho...” Outro aspecto é que, nesse ciclo, a direção do estabelecimento prisional permitiu ofertar pipoca durante a exibição do filme.

Os filmes *Coach Carter: treino para a vida* (Carter et al., 2005) e *Escritores da liberdade* (LaGravanesse et al., 2007) suscitaram discussões sobre a dificuldade dos contextos dos personagens, com a presença de violência e negligência. Os participantes referiram que vivenciaram situações semelhantes às dos personagens e que, diante disso, tomar decisões baseadas em um pensamento crítico é um desafio: “é assim, o cara faz primeiro e pensa depois. Pensa no imediato, no dinheiro, no que os outros vão pensar, e depois se ferra”.

Essas reflexões denotaram a premência de abordar a habilidade tomada de decisões e manejo de emoções. Por isso, escolheu-se para o terceiro encontro o filme *Click* (Coraci et al., 2006). Cabe salientar que, apesar das situações vividas pelo personagem terem permitido a reflexão sobre o risco de tomar decisões em curto prazo e terem suscitado discussões sobre estratégias mais assertivas, tais como “respirar fundo. Se possível ir dormir antes, não fazer nada de cabeça quente”, os participantes referiram que o fato de o filme ser uma comédia não foi um ponto positivo: “melhor quando é drama, parece mais com a vida da gente”, verbalizou um deles. Ao longo dos encontros, percebeu-se preferência por filmes dramáticos entre os participantes. De acordo com Matos (2006), esse gênero de filme é um resgate da origem das produções cinematográficas e traz a essência de um processo comunicativo, ou seja, a relação humana entre dois sujeitos. Pode-se relacionar a escolha desse gênero com o desejo de conectar-se a relações humanas de afetividade, de sensibilidade, assim como identificar-se com situações de dificuldade em outras realidades, para que se sintam integrantes de um grupo de pessoas com desafios a serem vencidos, levando outras histórias de vida como inspiração para seus momentos conflituosos.

A finalização do segundo ciclo foi com o filme *Pregando o amor* (Race et al., 2013), dando oportunidade para que os participantes retomassem suas percepções sobre as habilidades de vida, destacando a importância do autoconhecimento (“pensar sobre si”), tomada de decisões e resolução de problemas (“não perder o foco com as tentações” e “pensar primeiro e fazer depois”) e lidar com sentimentos, emoções e estresse (“respirar fundo e orar quando se sentir mal”).

A partir dos grupos formados no cinedebate, percebeu-se uma demanda por um espaço de escuta e sensibilidade no contexto prisional, no qual os sujeitos possam melhor se expressar, escutarem-se e serem escutados por profissionais que também compõem a realidade fora do cárcere – sendo também um local de encontro com suas próprias humanidades, fraquezas e conflitos, para que possam melhor se perceberem, para que sejam olhados nos olhos e entendidos em sua singularidade e trajetórias individuais, sendo um momento de respiro e acolhimento em uma atmosfera tão rígida e complexa quanto o ambiente carcerário.

Considerações finais

O cinedebate ocorreu para ocupar um espaço de discussões afetivas, propiciando aos internos oportunidade de fala e de serem respeitados, podendo compartilhar suas experiências e aprofundar reflexões, tornando-se um momento terapêutico e de (sobre)vivência em meio a um ambiente agressivo, de poucas oportunidades de discussões e transformações, tanto entre as normas rígidas quanto em relação às transformações pessoais, no sentido compreender e superar as dificuldades em diferentes contextos. A possibilidade de realizar um cinedebate, ou seja, a exploração de uma produção cinematográfica que um grupo assiste em conjunto e que suscita reflexões e constrói questionamentos mostra-se muito potente para práticas na clínica ampliada no contexto prisional. A proposta de utilização do cinedebate como dispositivo de intervenção em um grupo de indivíduos privados de liberdade surgiu a partir da demanda de espaços de acolhimento e sigilo para que habilidades socioemocionais sejam discutidas e desenvolvidas pelos participantes.

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia CFP (2012), o trabalho do psicólogo no âmbito do sistema prisional deve focar-se na promoção e acesso aos recursos necessários à sustentação de um projeto de vida extramuros, no fortalecimento de vínculos sociais e na promoção social às pessoas privadas de liberdade. Dessa forma, o cinedebate articula-se com as diretrizes propostas pelo CFP e proporciona espaços de desenvolvimento individual e social para os participantes, proporcionando uma outra visão sobre a cidadania e o contexto social em que estão inseridos, dentro e fora do estabelecimento prisional.

No que tange aos debates suscitados, destaca-se que, num primeiro momento, os participantes costumavam narrar a história do filme. Perguntas para estimular que falassem sobre suas opiniões pessoais foram necessárias de forma mais intensa nos primeiros dois encontros, principalmente. Considera-se que os conteúdos que emergiram nos debates denotam que o grupo fez reflexões importantes a partir da identificação com os personagens, sendo as estratégias e fatores de proteção para superação de dificuldades os conteúdos mais presentes nas falas. Contudo, a humanização nas relações pareceu ser a principal contribuição da atividade, representada pela fala “aqui a gente se sente gente de novo. Fazem anos e ninguém nunca entrou aqui que nem vocês, de sentar junto e olhar no olho”. Diante disso, pode-se afirmar que a experiência vivenciada permite vislumbrar o cinedebate como um importante dispositivo para promover saúde, por meio da humanização, em ambientes permeados por vulnerabilidades.

Cabe salientar que todos participaram ativamente da atividade, em alguns momentos exemplificando opiniões com fatos de suas vidas. Com isso, é possível pensar que o cinedebate mostrou-se um importante dispositivo que permite trabalhar com grupos heterogêneos, no que tange aos delitos cometidos. Tal aspecto possivelmente é explicado pela perspectiva de trabalhar fatores de proteção em saúde. Além disso, as participações demonstram a importância de um espaço de fala para que pudessem expressar sua

subjetividade e construir novos caminhos para suas trajetórias pessoais, dentro e fora do contexto prisional.

Salienta-se também a necessidade de construir relações entre os vínculos, condições e cotidianos dentro e fora do contexto carcerário, para que não ocorra uma segmentação entre as realidades e o desenvolvimento pessoal possa ser possível e contínuo para aqueles que vivem, por um determinado momento, privados de liberdade. Dessa forma, as produções cinematográficas se mostraram imprescindíveis para criar conexões com a vida com e sem liberdade, para que essas situações possam ser trabalhadas, construídas e ressignificadas em suas trajetórias de vida, no sentido de que, ao sair do âmbito carcerário, experiências já vividas tomem diferentes proporções e as reflexões e questionamentos tornem-se permanentes nos sujeitos e em suas futuras decisões.

Referências

- Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul e Comissão da Cidadania e Direitos Humanos. (2015). *Relatório da Subcomissão com diagnóstico do sistema prisional do estado do Rio Grande do Sul, análise crítica e proposições*. Trabalho realizado ao longo de 120 dias com base em pesquisas. Recuperado de http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/SubSist_Prisional/Rel_Final.PDF.
- Berti, A., & Carvalho, R. M. (2013). O Cine Debate promovendo encontros do cinema com a escola. *Pro-Posições*, 24(3), Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072013000300011&lng=pt&nrm=iso.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2004). *Política Nacional de Humanização: HumanizaSUS: documento base para gestores e trabalhadores do SUS*. Brasília, DF: Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização.
- Brasil. Ministério da Justiça e Segurança Pública. (2017). Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias: Infopen. Recuperado de <http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen/infopen>.
- Carter, T. (Diretor), Gale, D., Robbins, B., & Tollin, M. (Produtores). (2005). *Coach Carter: treino para a vida* [Filme/DVD]. Estados Unidos: Paramount Pictures.
- Castelanos, M. L. (2011). *Habilidades para la vida: una propuesta educativa para la promoción del desarrollo humano y la prevención de problemas psicosociales*. Bogotá: Fe y Alegría.
- Chbosky, S. (Diretor), Beugg, M., Clark, D., Hoberman, D., & Lieberman, T. (Produtores). (2017). *Extraordinário* [Filme/DVD]. Estados Unidos: Lionsgate.
- Clemmer, D. (1940). *The Prison Community*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Conselho Federal de Psicologia – CFP. (2012). *Referências técnicas para a atuação das(os) psicólogas(os) no Sistema Prisional*. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-a-atuacao-das-os-psicologas-os-no-sistema-prisional/>.

- Coraci, F. (Diretor), Sandler, A., Giarraputo, J., Moritz, N. H., Koren, S., & O'Keefe, M. (Produtores). (2006). *Click* [Filme/DVD]. Estados Unidos: Columbia Pictures.
- Departamento Penitenciário Nacional – Depen. (2014). *Levantamento Nacional de informações penitenciárias Infopen: junho de 2014*. Recuperado de <https://www.justica.gov.br/news/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>.
- Deslandes, S. F. (2004). Análise do discurso oficial sobre a humanização da assistência hospitalar. *Ciências & Saúde Coletiva*, 9(1), 7-14.
- Dulius, A. A., & Hartmann, J. A. M. (2011). Análise do sistema prisional brasileiro. *Âmbito Jurídico*, 14(95). Recuperado de <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/analise-do-sistema-prisional-brasileiro/>.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- Godoi, R. (2011). Para uma reflexão sobre os efeitos sociais do encarceramento. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, 5(8). Recuperado de <http://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/88/85>.
- Goffman, E. (1961). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Hancock, J. L. (Diretor), Johnson, B., Kosove, A., & Netter, G. (Produtores). (2009). *Um sonho possível* [Filme/DVD]. Estados Unidos: Warner Bros.
- Karam, M. L. (2011). Psicologia e sistema prisional. *Rev. Epos*, 2(2). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2011000200006&lng=pt&nrm=iso.
- Kendrick, A. (Diretor), Kendrick, S., & Wheeler, G. (Produtores). (2015). *Quarto de guerra* [Filme/DVD]. Estados Unidos: Canzión Filmes.
- LaGravanesse, R. (Diretor), DeVito, D., Shamberg, M., & Sher, S. (Produtores). (2007). *Escritores da liberdade* [Filme/DVD]. Estados Unidos: Paramount Pictures.
- Lei n. 7.210, de 11 de julho de 1984. (1984). Institui a Lei de Execução Penal. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L7210.html
- Lima, A., & Alvarenga, J. R., Filho. (2018). A potência do cuidado: uma experiência no Sistema Prisional de Pernambuco. *Psicologia Ciência e Profissão*, 38(2). Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932018000600117&lng=pt&nrm=iso.
- Matos, M. S. (2006). Verdade, Distanciamento e Universalidade da Tensão Dramática no Filme *Dogville*. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Ribeirão Preto, Brasil. Recuperado de: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/18004394128630160534236177969949753681.pdf>.
- Mbembe, A. (2003). Necropolitics. *Public Culture*, 15(1), 11-40. Retrieved from <https://doi.org/10.1215/08992363-15-1-11>.

- Monjardim, J. (Diretor), Tubaldini, L. G., JR, & Skaf, A. (Produtores). (2016). *O vendedor de sonhos* [Filme/DVD]. Brasil: Warner Bros.
- Pastoral Carcerária (2014). *Agenda Nacional pelo desencarceramento 2014*. Recuperado de <https://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2015/06/Agenda-em-Portugues.pdf>.
- Polaschek, D. L., & Yesberg, J. A. (2017). High-Risk Violent Prisoners' Patterns of Change on Parole on the DRAOR's Dynamic Risk and Protective Factors. *Criminal, justice and behavior*, 45(3), 340-363.
- Race, S. (Diretor), & Alexander, G., Houghton, I., Race, S., Race, M. K., Dinwoodie, S. (Produtores). (2013). *Pregando o amor* [Filme/DVD]. Estados Unidos: RGM Films.
- Rangel, F. M., & Bicalho, P. P. G. (2017). O alongamento do tempo de prisão e a violação de direitos na custódia de presos no Brasil. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 35(3). Recuperado de <https://revistas.urosario.edu.co/index.php/apl/article/view/4304>.
- Rauter, C. (2007). Clínica e estratégias de resistência: perspectivas para o trabalho do psicólogo em prisões. *Psicologia e Sociedade*, 19(2), 42-47.
- Reishoffer, J. C., & Bicalho, P. P. G. (2015). A circunscrição histórica das prisões e a crítica criminológica. In F. R. Farias & L. S. Faceira (Orgs.). *Punição e prisão: ensaios críticos* (pp. 13-26). Rio de Janeiro: Lumen Juris
- Saforcada, E. (2010). Perspectiva ecológico-sistêmica da saúde. In J. C. Sarriera & E. Saforcada (Orgs.). *Introdução à psicologia comunitária* (pp. 49-75). Porto Alegre, RS: Sulina.
- World Health Organization. (1997). *Programme on Mental Health: Division of Mental Health, Life Skills Education in Schools*. Genebra: WHO.

Submetido em: 13/05/2020

Aprovado em: 04/12/2020